

# A cultura em produção:

## *Originárias e a literatura indígena*

Cesar Augusto de Oliveira Casella

**Obra resenhada:** DORRICO, Trudruá; NEGRO, Maurício (org.). *Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena*. Ilustrações Maurício Negro. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.



*Originárias* reúne doze textos – um conto e onze recontos – escritos por doze autoras indígenas de diferentes povos: Auritha Tabajara, Bruna Karipuna, Chirley Maria Pankará, Eliane Potiguara, Glicéria Tupinambá, Lidiane Damaceno Krenak, Márcia Mura, Naine Terena, Simone Karajá, Telma Taurepang, Trudruá Dorrico e Vanessa Kaingang. O livro é organizado por Trudruá Dorrico – também autora de um dos textos da coletânea – e por Maurício Negro, que assina as ilustrações.

A antologia é voltada para o público infantojuvenil e a edição – bastante didática – traz, além dos textos narrativos e das ilustrações, instrumentos que auxiliam a leitura:

informes sobre os povos indígenas representados; glossários relativos a cada uma das narrativas, não só dos termos indígenas, e breves biografias de cada autora. As ilustrações merecem destaque por complementarem o texto verbal, agregando camadas de interpretação à leitura. A coletânea apresenta os mais diversos temas, misturando ficção, relato autobiográfico e mito de origem, dentre outras formas narrativas.

*Omáua, a menina que mora no fundo dos rios*, de Eliane Potiguara, é um conto sobre o povo omágua-kambebe e abre a antologia. Usando o diálogo e o ambiente escolar como enquadre, a professora Alzira conta a história de Omáua, a filha espiritual do rio Amazonas, para as crianças de sua sala. Em seguida, a coletânea apresenta um reconto do povo kinikinau, *A história de Paká*. Nele, Naine Terena dialoga diretamente com o leitor para narrar a trajetória de Paká, o herói que ajuda aos seus a vencer a fome durante uma guerra injusta travada por terceiros.

O terceiro texto é *A história de Poxi*, de Glicéria Tupinambá, um reconto de seu próprio povo. A narrativa – uma partilha de memória ao mesmo tempo individual e coletiva – é sobre a transformação de Poxi, guerreiro forte e prestativo, porém feio, em Quaraci, o sol. Na sequência, Márcia Mura traz um reconto do povo buhuaren-mura, *Uruapeara, a pirarara encantada, o mapinguari e o pajé que se tornou cobra grande*. O texto costura uma série de narrativas amazônicas centradas nos encantados, para as quais a autora rejeita a denominação de lendas.

*Nãna e os potes de barro*, de Chirley Maria Pankará é um reconto de seu próprio povo. Nele se conta o processo de produção de cerâmica, desde a recolha do barro adequado até a queima das peças, uma especialidade da família de Nãna e que é liderada pela sua avó. O sexto texto, de Auritha Tabajara, intitula-se *A onça-pintada no pescoço de Kauany, a guardiã dos segredos* e é um reconto de seu povo. Trata-se das peripécias de Kauany, que nasceu com uma oncinha-pintada enrolada no pescoço, e de seu irmão Apoenã, os quais passam por várias provações fora da floresta, superam-nas e depois retornam para a aldeia, onde a onça vira uma entidade protetora.

O sétimo texto é um reconto do povo karipuna, intitulado *Ubani e a pirapema*, de Bruna Karipuna. Ubani é uma menina que se deixa levar para o fundo do rio e se torna uma

pirapema, porque estava em diapoze, o período menstrual, um tempo em que a mulher deve se resguardar e respeitar os lugares sagrados. Em seguida, Lidiane Damaceno Krenak traz um reconto de seu povo, *Como as águas vieram ao mundo*. Remetendo a narrativa original aos anciões krenak, o texto conta a origem das águas, inicialmente privilégio do orgulhoso beija-flor, espalhadas pelo mundo pelas asas da arara.

Telma Taurepang é autora do reconto *Paata Mainu*, originário de seu próprio povo. A personagem-título, guiada pela voz de sua avó e recorrendo aos ancestrais, combate a cobra grande e protege a sua aldeia. O décimo texto é *Iny Karajá, a criação*, um reconto do povo iny mahadu-karajá apresentado por Simone Karajá. Nele, conta-se a origem e formação mítica dos iny, detalhando-se o espalhamento geográfico ao longo do rio Araguaia que gera os ibòò mahadu (karajá do sul), os itua mahadu (javaé) e os iraru mahadu (karajá do norte).

Em sequência vem *A história de Jūmẽ e Fe Há (a origem da araucária e da gralha-azul)*, de Vanessa Kaingang, um reconto de seu povo. A narrativa apresenta a história do relacionamento impossível entre as duas personagens-título, que eram de povos inimigos, e a transformação dos dois em araucária e em gralha-azul. O texto que fecha a antologia é *O caçador e o curupira*, um reconto do povo macuxi trazido por Trudruá Dorrico. A partir do encontro de um jovem caçador com um velho – na verdade o avô curupira ou a'moko tai tai – conta-se a origem do jamaxim, o cesto que os macuxi usam para carregar a caça, que fazem para a sua alimentação, bem como outros produtos alimentícios.

Deste conjunto descritivo inicial, pode-se retirar algumas questões – as quais esta resenha não tem a pretensão de responder rigorosamente – que mostram a importância do livro para o ambiente literário brasileiro: Como se deve definir a literatura indígena? É possível literatura indígena em língua portuguesa? O que há de especificamente feminino nos textos da coletânea? Por que a designação de literatura infantojuvenil? Como tratar o aspecto cultural intrínseco aos textos?

Na apresentação, Trudruá Dorrico (2023) afirma que, ao escrever e publicar literatura indígena, “afirmamos nossa intelectualidade e enunciamos que essa é outra tecnologia da memória”, bem como ao inscrever a tradição e a contemporaneidade indígena no livro, “cantamos e contamos nossas histórias e a histórias de parentas, como um jeito de adiar o

fim do mundo” (p. 9). Neste sentido, defende-se a literatura como uma forma – não a única – de preservação da cultura e como meio de expressão desta mesma cultura.

O que significaria – sem que, infelizmente, se possa desdobrar todos os múltiplos aspectos envolvidos na questão – colocar-se em meio à crise contemporânea da literatura, aqui brevemente resumida nas palavras de Fábio Durão (2020): “a literatura não desempenha mais o papel de mediar a socialização” (p. 16). A literatura vem perdendo espaço na mídia jornalística, vem sumindo da vida pública, vem se retirando da vida familiar e da vida amorosa. O texto literário não consegue competir com o audiovisual, lato senso, “pois o trabalho de concentração demandado pela leitura de obras literárias faz com que elas sejam refratárias à diversão passiva” (Durão, 2020, p. 16).

A literatura também perdeu sua função de integração nacionalista – o que, quiçá, nem seja realmente lamentável – substituída por “veículos muito mais eficazes para traduzir a coesão do país, como o futebol, a novela televisiva ou a música popular” (Durão, 2020, p. 17). Por fim, também ficou evidente na contemporaneidade que a função humanizadora da literatura é mais um desiderato que um fato. A existência do realismo socialista na URSS e de uma literatura de propaganda nazista mostram que “alta cultura e maldade não são excludentes” (Durão, 2020, p. 17).

O tamanho do desafio está posto. Em alguma medida, *Originárias* busca cumprir o desiderato de literatura humanizadora e visa um papel de mediação na socialização brasileira. O que talvez ajude a entender o posicionamento da obra como literatura infantojuvenil, à procura de jovens – e novas e novos – leitoras e leitores. Bem como a perspectiva feminina da antologia, que se espraia pelos temas, pelo protagonismo das personagens femininas, pela própria autoria feminina.

No tocante ao uso da língua portuguesa para a produção dos textos, talvez se pudesse dizer – somado aos outros fatores já tratados – que se trata de literatura indígena de expressão portuguesa, para dar conta do fato de que neste idioma se expressam outras mentalidades, outras formas de ver o mundo.

Há, entretanto, um aspecto linguístico nos textos da antologia que não é irrelevante: o uso de itens lexicais em línguas indígenas, o que rendeu a existência de um glossário para

cada uma das narrativas. A presença das línguas indígenas – mesmo ao nível lexical, apenas – demonstra o real plurilinguismo do Brasil, constantemente solapado pela política linguística do monolinguismo, pelo deslocamento linguístico e pelo glotocídio. Como escreve Gilvan Müller de Oliveira (2009) sobre esta questão no Brasil, “a política lingüística do estado sempre foi a de reduzir o número de línguas, num processo de glotocídio (assassinato de línguas) através de *deslocamento lingüístico*, isto é, de sua substituição pela língua portuguesa” (p. 20, grifos do original).

Em sua resenha da obra, intitulada *Reescrita do mundo*, Carola Saavedra (2023, on-line) indica como maior força da antologia “a capacidade de reescrever o mundo”, o que levaria a necessidade de “inventar novas formas de ler” o que seria a “nossa tarefa enquanto público leitor (de qualquer idade)”. Nesta (re)invenção, afirma Saavedra (2023, on-line), é preciso que “a cultura indígena deixe de ser folclore, lenda morta, mito exótico, e se torne em todos os sentidos parte da realidade que constitui e pensa o país”.

Ao pensar a literatura especificamente como uma representação cultural – o que é um dos modos de ver a literatura, não o único – talvez seja pertinente lembrar uma potente reflexão de Stuart Hall (2009, p. 44), ainda que gerada no quadro da diáspora africana: “a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma ‘arqueologia’. A cultura é uma produção”. Ao ler-se *Originárias*, é preciso não esquecer que “estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar” (Hall, 2009, p. 44).

## REFERÊNCIAS:

DORRICO, Trudruá. Introdução. In: DORRICO, Trudruá; NEGRO, Maurício (org.). **Originárias**: uma antologia feminina de literatura indígena. Ilustrações Maurício Negro. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

DURÃO, Fabio Akceruld. **Metodologia de pesquisa em literatura**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2020.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Liv Sovik (org.). Tradução de Adelaide La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

OLIVEIRA, Gilvan Müller. Plurilinguismo no Brasil: repressão e resistência linguística. **Synergies Brésil**, n° 7, pp. 19-26, 2009.

SAAVEDRA, Carola. Reescrita do mundo. **Quatro cinco um**, online, ed. 75, 01 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://quatrocinco.um.com.br/resenhas/literatura/literatura-infantojuvenil/reescrita-do-mundo/>>. Acesso em: 06/03/2025.

### SOBRE O AUTOR:

**Cesar Augusto de Oliveira Casella** é professor efetivo de Língua Portuguesa na Universidade Estadual de Goiás (UEG/Campus Cora Coralina) e cursa doutorado em Estudos da Literatura na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGL/UERJ). É mestre em Linguística Aplicada e graduado em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (EL/Unicamp). Pesquisa e trata o texto literário e a recepção crítica da literatura a partir de abordagens discursivas vindas da Análise do Discurso, e trabalha com a leitura de literatura dentro do enfoque do letramento social.